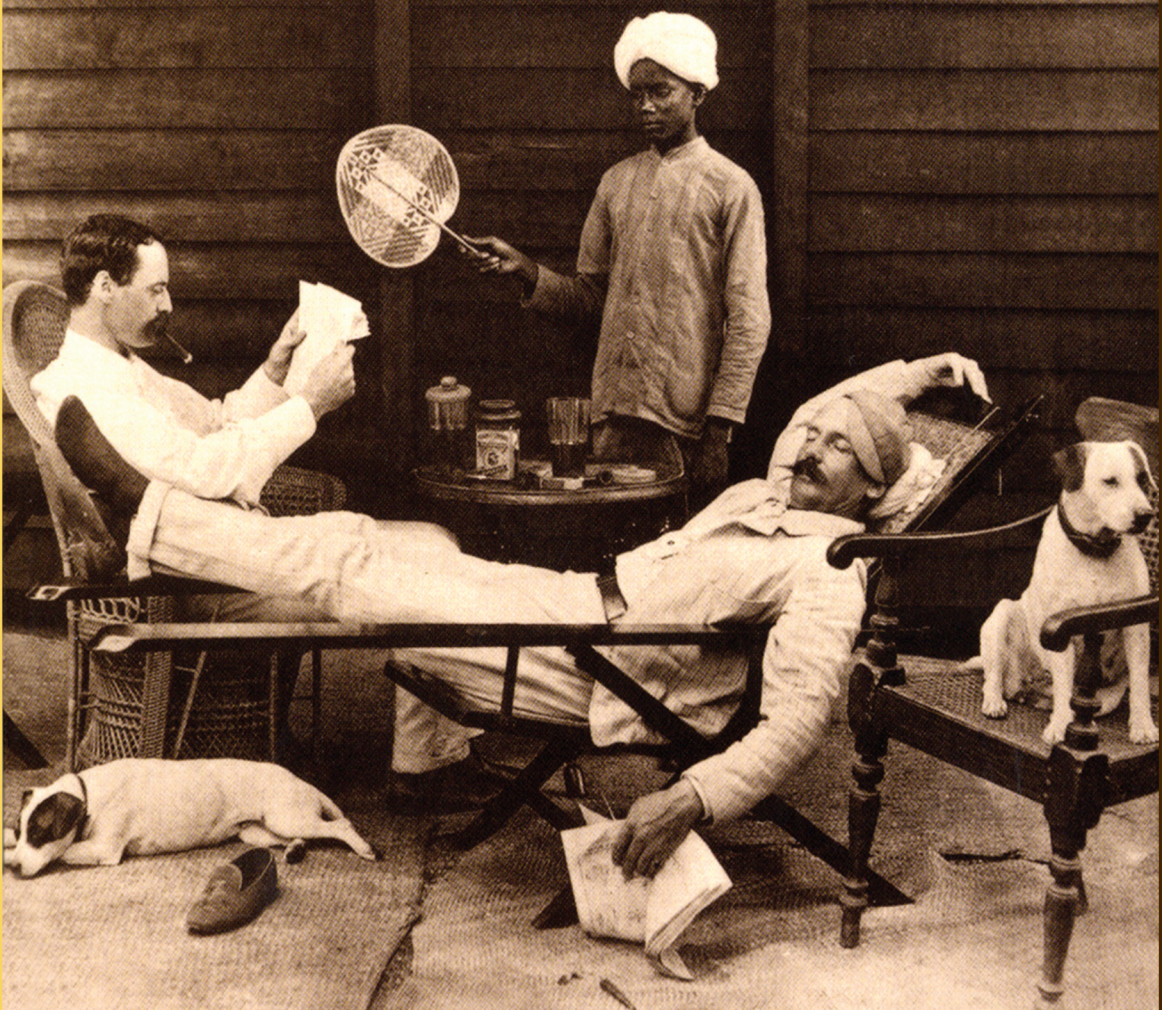


RELÓGIO D'ÁGUA

# GEORGE ORWELL

DIAS BIRMANESES



# Dias Birmaneses

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
fax: 218 470 775  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

© The Estate of George Orwell

Título: Dias Birmaneses  
Título original: *Burmese Days* (1934)  
Autor: George Orwell  
Tradução e glossário: Alda Rodrigues  
Revisão de texto: Rute Mota

Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com)) sobre  
*The Long, Long Burmese Day* (1892), fotografia do capitão-cirurgião A G E Newland

© Relógio D'Água Editores, setembro de 2016

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:  
**[www.relogiodagua.pt](http://www.relogiodagua.pt)**

ISBN 978-989-641-636-2

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Europress, Lda.  
Depósito Legal n.º: 413450/16

George Orwell

# Dias Birmaneses

Tradução de  
Alda Rodrigues

Ficções



## X

Na verdade, a preocupação de Ko S'la foi prematura. Apesar de conviver com Elizabeth há dez dias, Flory não se sentia mais próximo dela do que no dia em que a conhecera.

Com efeito, visto que a maior parte dos europeus estava na selva, tivera-a praticamente toda para si durante esses dez dias. O próprio Flory devia estar lá, porque nesta altura do ano o trabalho da extração de madeira estava em plena atividade e, na sua ausência, tudo se desordenava sob as ordens do incompetente supervisor eurasiático. Mas ele ficara — com o pretexto de ter um pouco de febre —, apesar de o supervisor quase todos os dias enviar cartas desesperantes relatando catástrofes. Um dos elefantes estava doente, a locomotiva da via-férrea rudimentar usada para transportar troncos de teca para o rio avariara, quinze cúlis tinham desertado. Mas Flory permanecia ali, incapaz de se arrancar de Kyauktada enquanto Elizabeth ali estivesse, tentando insistentemente — e, até agora, sempre infrutiferamente — recuperar a amizade fácil e encantadora do primeiro encontro de ambos.

Era verdade que se encontravam todos os dias, de manhã e à tarde. Todos os fins de tarde jogavam ténis no clube — a Sr.<sup>a</sup> Lackersten era demasiado flácida, e o Sr. Lackersteen, demasiado irritável para jogarem ténis naquela altura do ano —, e depois sentavam-se os quatro na sala de estar, a jogar bridge e a conversar. Apesar de Flory passar horas na companhia de Elizabeth, muitas

vezes sozinho com ela, nunca por um instante se sentira à vontade na sua companhia. Conversavam com a maior liberdade — desde que sobre trivialidades —, e porém havia distância entre eles, eram como estranhos. Sentia-se constrangido quando estava com ela, não se conseguia esquecer do sinal de nascença; o queixo duplamente escanhado ardia-lhe, o corpo pedia-lhe whisky e cigarros — ele esforçava-se por reduzir o consumo de álcool e de tabaco quando estava com ela. Dez dias depois, ainda estavam muito longe da relação que ele pretendia.

De algum modo, nunca conseguira falar com ela como desejava. Falar, simplesmente falar! Parece tão simples e no entanto é tão importante! Quando se viveu quase até à meia-idade numa solidão amarga, entre pessoas para quem a nossa verdadeira opinião sobre todos os assuntos possíveis é ultrajante, a necessidade de falar é a mais importante. Contudo, parecia impossível ter uma conversa a sério com Elizabeth. Era como se lhes tivesse sido lançado um feitiço que condenava à banalidade todas as conversas que tinham; discos, cães, raquetes de ténis — toda a desoladora tagarelice do clube. Dir-se-ia que ela só *queria* falar sobre esses assuntos. Bastava-lhe referir qualquer outro tópico com mais interesse para captar o tom de evasiva, o “assim não brinco” na voz dela. Quando percebeu o que ela gostava de ler, ficou horrorizado. Mas pensou que ela ainda era nova e, além disso, bebera vinho branco discutindo Marcel Proust sob os plátanos parisienses. Mais tarde, sem dúvida, havia de o compreender e de ser a companhia de que ele precisava. Talvez tudo isto se devesse ao facto de ele ainda não ter conseguido conquistar a confiança dela.

Ele era tudo menos diplomático com ela. Como todos os homens que viveram muito tempo sozinhos, adaptava-se mais facilmente às ideias do que às pessoas. E assim, apesar de só terem conversas superficiais, Flory começou a irritar Elizabeth por vezes, não pelo que dizia, mas pelas implicações das suas palavras. Havia um certo mal-estar entre ambos, pouco claro, mas muitas vezes quase desencadeando discussões. Quando duas pessoas — uma das quais já vive há muito num país, ao passo que a outra acabou de chegar — estão juntas, é inevitável que a primeira seja o cicerone da segunda. Elizabeth estava a ter o primeiro contacto com a Birmânia; Flory, como

seria de esperar, assumia o papel de intérprete, explicando isto, comentando aquilo. E as coisas que ele dizia, ou o modo como as dizia, provocavam nela uma discordância vaga mas ao mesmo tempo profunda. Ela percebia que Flory, quando se referia aos “nativos”, falava sempre *a favor* deles. Estava sempre a elogiar o caráter e os costumes birmaneses; chegava ao ponto de os comparar favoravelmente com os ingleses. Isto incomodava-a. Apesar de tudo, os nativos eram nativos — interessantes, sem dúvida, mas essencialmente um povo de “subordinados”, um povo inferior de pele negra. A atitude dele demonstrava algum *excesso* de tolerância. Por sua vez, ele ainda não compreendera de que modo suscitava o antagonismo dela. Queria tanto que ela gostasse da Birmânia como ele, em vez de olhar para o país com os olhos desinteressantes e desleixados de uma *memsahib*! Esquecera-se de que a maior parte das pessoas só conseguem sentir-se bem num país estrangeiro quando rebaixam os seus habitantes.

Era demasiado insistente nas suas tentativas de a interessar por assuntos orientais. Tentou, por exemplo, convencê-la a aprender birmanês, mas sem resultado. (A tia explicara-lhe que só as missionárias falavam birmanês; para as senhoras, saber um pouco de urdu era suficiente para comunicar na cozinha.) Havia inúmeras pequenas discordâncias deste género. Ela compreendia gradualmente que as opiniões dele eram diferentes daquelas que um inglês deveria ter. Além disso, percebia que Flory desejava que ela gostasse dos birmaneses, que os admirasse até; admirar pretos, quase selvagens, com um aspeto que ainda lhe metia medo!

O assunto vinha à baila de diversos modos. Se um grupo de birmaneses passasse por eles na rua, Elizabeth, de olhar ainda fresco, ficava a olhar para eles com um misto de curiosidade e repugnância, e comentava com Flory, como teria feito com qualquer outra pessoa:

— Estas pessoas são *tão feias*, não são?

— Acha? Parecem-me sempre *tão encantadores*, os birmaneses. Têm corpos esplêndidos! Repare nos ombros daquele sujeito, é como uma estátua de bronze. Não tem nada a ver com os horrores que veríamos em Inglaterra se as pessoas andassem por lá seminuas como estes aqui!

— Mas a forma da cabeça deles é *tão feia*! O crânio deles eleva-se atrás como o de um gato macho. E o modo como as testas se incli-

nam dá-lhes um ar tão *perverso*. Lembro-me de ler numa revista sobre a forma das cabeças das pessoas; dizia que quem tivesse a testa inclinada pertencia ao *tipo criminoso*.

— Oh, isso é uma generalização demasiado abrangente! Quase metade das pessoas no mundo têm testas assim.

— Bem, se contar com as pessoas *de cor*, isso é verdade, claro...!

Por vezes via-se passar uma fila de mulheres em direção ao poço: camponesas robustas, cor de cobre, muito direitas sob os cântaros de água, com nádegas proeminentes como as de uma égua robusta. Elizabeth achava as mulheres birmanesas mais repugnantes do que os homens birmaneses; sentindo alguma afinidade com elas, repugnava-a a ideia de ter qualquer coisa em comum com aquelas criaturas pretas.

— Não são simplesmente medonhas? Têm um aspeto tão *grosseiro*, como uma espécie de animal. *Alguém* poderia alguma vez achar estas mulheres atraentes?

— Os homens birmaneses, sim, suponho.

— Imagino que sim. Mas a pele negra: não sei como é possível suportar aquilo!

— Mas, repare, com o tempo as pessoas habituam-se àquele tom de pele. Algumas pessoas até dizem que, quando já se passou alguns anos nestes países, a pele escura parece mais natural do que a branca. Aliás, na verdade *é* mais natural. Se considerarmos o mundo como um todo, ser branco é uma excentricidade.

— O senhor tem ideias *tão* estranhas!

E por aí adiante. As coisas que ele dizia pareciam-lhe sempre insatisfatórias e insensatas. Elizabeth sentiu isto com particular veemência na ocasião em que Flory permitiu que Francis e Samuel, dois eurasiáticos de mau aspeto, o parassem para conversar junto ao portão do clube.

Por acaso, Elizabeth chegara ao clube uns minutos antes de Flory, e quando ouviu a voz dele contornou a rede de ténis. Os dois eurasiáticos estavam ao lado de Flory, pressionando-o como um par de cães pedindo brincadeira. Francis era quem falava mais. Era um homem magro e excitável, e, sendo filho de uma mulher do Sul da Índia, tão castanho como uma folha de charuto; Samuel, de mãe karen, era amarelo-pálido, com cabelo ruivo e baço. Ambos enver-



gavam fatos de dril, com capacetes coloniais enormes, sob os quais os seus corpos esguios pareciam hastes de cogumelos.

Elizabeth desceu o carreiro a tempo de ouvir fragmentos de uma autobiografia enorme e complicada. Conversar com brancos — de preferência, sobre si próprio — era a maior alegria da vida de Francis. Quando, depois de vários meses, encontrava um europeu disposto a ouvi-lo, a história da sua vida derramava-se da sua boca em torrentes incessantes. Falava numa voz nasalada e como se estivesse a cantar, com uma rapidez incrível.

— Do meu pai, senhor, recordo poucas coisas, mas era um homem colérico, e eu, o meu meio-irmão e as duas mães levámos muita pancada com paus de bambu. Também durante a visita do bispo, o meu meio-irmão e eu vestimos *longyi* e mandaram-nos para o meio das crianças birmanesas, para passarmos despercebidos. O meu pai nunca chegou a bispo, senhor. Só converteu quatro em vinte e oito anos, e também gostava de mais de álcool de arroz chinês, que ardia muito, e isto prejudicou as vendas do folheto do meu pai com o título *A Maldição do Álcool*, publicado na Imprensa Batista de Rangum, à venda por uma rupia e oito anás. O meu meio-irmão mais novo morreu no tempo quente, sempre a tossir, a tossir, etc., etc.

Os dois eurasiáticos repararam em Elizabeth. Ambos tiraram o chapéu com vérias e grandes sorrisos. Dir-se-ia que a última oportunidade de ambos para falarem com uma mulher inglesa tinha ocorrido há vários anos. Francis mostrou-se mais efusivo do que nunca. Debitava palavras com receio evidente de ser interrompido por alguém que encurtasse a conversa.

— Boa noite, senhora, boa noite, boa noite! É uma honra conhecê-la, senhora! Tem estado um calor sufocante, não é verdade? Mas é próprio de abril. Não tem sofrido muito de brotoeja, espero? Aplicar tamarindo esmagado na zona é infalível. Quanto a mim, sofro tormentos todas as noites. É uma doença que afeta muito os *európeus*.

Pronunciou *európeus*, como o Sr. Chollop em *Martin Chuzzlewit*. Elizabeth não respondeu. Observava os eurasiáticos com alguma frieza. Não fazia ideia de quem ou do que eram e pareceu-lhe impertinente que lhe dirigissem a palavra.

— Obrigado, não me vou esquecer do tamarindo — disse Flory.

— Conselho de um médico chinês de renome, senhor. Além disso, senhor-senhora, posso acrescentar que usar só um chapéu mole de abas largas não é suficiente em abril, senhor. Para os nativos, chega, têm crânios resistentes. Mas para nós há sempre o perigo da insolação. O sol é fatal para o crânio *európeu*. Mas espero não estar a incomodar, senhora?

Isto foi dito em tom desapontado. Com efeito, Elizabeth decidira fingir que os eurasiáticos não estavam ali. Não percebia porque Flory lhes permitira aquela conversa. Virando-se para voltar ao campo de ténis, simulou um golpe de raquete no ar, para lembrar a Flory que já estava atrasado para o jogo. Ele viu e foi atrás dela com alguma relutância, porque não queria fazer uma desfeita ao pobre Francis, apesar de ele ser maçador.

— Tenho de ir — disse. — Boa noite, Francis. Boa noite, Samuel.

— Boa noite, senhor! Boa noite, senhora! Boa noite, boa noite!

— Recuaram com mais gestos teatrais com o chapéu.

— Quem *são* aqueles dois? — perguntou Elizabeth quando Flory se juntou a ela. — Que criaturas extraordinárias! No domingo estavam na igreja. Um deles parece quase branco. Não é inglês, pois não?

— Não, são eurasiáticos, com pais brancos e mulheres nativas. A alcunha amigável que temos para eles é “barrigas-amarelas”.

— Mas o que estão aqui a fazer? Onde vivem? Trabalham nalgum sítio?

— Fazem qualquer coisa no bazar. Se não me engano, o Francis é funcionário do agiota indiano, e o Samuel trabalha para alguns dos litigantes. Mas provavelmente morreriam à fome se não contassem com a boa vontade dos nativos.

— Dos nativos! Está a dizer que vivem *à custa* dos nativos?

— Imagino que sim. Não é difícil. Os birmaneses não deixam ninguém morrer à fome.

Elizabeth nunca tinha ouvido nada parecido. Ficou tão chocada com a possibilidade de homens pelo menos parcialmente brancos viverem na pobreza entre os “nativos” que parou bruscamente e o jogo de ténis teve de ser atrasado durante alguns minutos.

— Mas que horror! Quero dizer, que mau exemplo! É quase tão mau como se um de *nós* fosse assim. Não se pode fazer nada por

aqueles dois? Reunir algum dinheiro e mandá-los para fora daqui ou coisa parecida?

— Acho que isso não serviria de nada. Ficariam na mesma posição em qualquer outro sítio.

— Mas não arranjam trabalho a sério?

— Duvido. Os eurasiáticos daquele tipo, homens criados no bazar sem qualquer instrução, estão condenados à partida. Os europeus querem distância deles, e é-lhes negado acesso aos cargos oficiais mais baixos. Resta-lhes viver à custa dos nativos, a não ser que abandonem qualquer pretensão de serem europeus. E não se pode esperar que aqueles pobres diabos façam isso. O único bem que possuem são algumas gotas de sangue branco. Pobre Francis, sempre que o encontro fala sobre a brotoeja. Supostamente os nativos não têm problemas de brotoeja: tretas, claro, mas as pessoas acreditam. O mesmo com a insolação. Usam aqueles capacetes coloniais enormes para lembrar que têm crânios europeus. É uma espécie de brasão. O elmo voltado para a esquerda, por assim dizer.

Elizabeth não ficou satisfeita com esta resposta. Percebia que Flory, como sempre, simpatizava secretamente com os eurasiáticos. Para mais, antipatizara com o aspeto dos dois homens. Entretanto, já identificara o tipo deles. Pareciam *latinos*, como os mexicanos, italianos e outros que desempenham o papel de vilão em tantos filmes.

— Parecem degenerados, não acha? Tão magros, espigados e servis; além disso, têm um ar *desonesto*. Imagino que estes eurasiáticos *sejam* realmente depravados? Ouvi dizer que os mestiços geralmente herdam o pior das duas raças. É verdade?

— Não sei se é verdade. Na sua maioria, os eurasiáticos não são boa rês, e é difícil perceber se, com outra educação, poderiam ser diferentes. Mas não temos uma atitude correta em relação a eles. Falamos sempre deles como se tivessem brotado do chão como cogumelos, já com aqueles defeitos. Mas, se pensarmos bem, somos responsáveis pela existência deles.

— Responsáveis pela existência deles?

— Bem, todos têm pais, está a perceber?

— Oh... Claro que isso é verdade. Mas, mesmo assim, não somos *nós* os responsáveis. Quero dizer, só um homem de tipo muito baixo teria alguma coisa a ver com as nativas, não é assim?

— Sem dúvida. Mas os pais daqueles dois foram membros ordenados do clero, se não me engano.

Flory lembrou-se de Rosa McFee, a rapariga eurasiática que seduzira em Mandalay, em 1913. De como visitava sub-repticiamente a casa numa *gharry* de persianas corridas; dos caracóis enrolados de Rosa; da sua velha mãe birmanesa, toda encarquilhada, servindo chá na sala de estar escura, com vasos de fetos e um divã de vime. E, por fim, já depois de abandonar Rosa, das horríveis cartas suplicantes em papel perfumado que deixara de abrir ao fim de algum tempo.

Depois do jogo de ténis, Elizabeth retomou o assunto de Francis e Samuel.

— Aqueles dois eurasiáticos... alguém aqui cultivava relações com eles? Alguém os convida para casa ou coisa parecida?

— Credo, não. São verdadeiros párias. Na realidade, falar com eles não é considerado de bom tom. Quase todos os cumprimentamos, mas Ellis nem isso faz.

— Mas *o senhor* falou com eles.

— Pois, mas eu de vez em quando quebro as regras. O que queria dizer era que um *pukka sahib* não gostaria de ser visto a falar com eles. Mas eu, uma vez ou outra, sempre que arranjo coragem, prefiro *não* me comportar como um *pukka sahib*, percebe?

Foi um comentário insensato. Por esta altura, ela já conhecia a expressão “*pukka sahib*” e tudo o que esta representava. O comentário dele tornara um pouco mais clara a diferença dos pontos de vista de ambos. O olhar que ela lhe lançou foi quase hostil e estranhamente duro; o rosto dela às vezes parecia duro, apesar da juventude e da pele delicada como uma flor. Aqueles óculos de tartaruga modernos faziam-na parecer muito senhora do seu nariz. Os óculos são objetos estranhamente expressivos — quase mais expressivos do que os olhos.

Por esta altura, Flory ainda não compreendera quem Elizabeth era, nem tão-pouco conquistara a sua confiança. Contudo, pelo menos à superfície, as coisas não corriam mal entre ambos. Ele enervava-a de vez em quando, mas a boa impressão daquela primeira manhã ainda não se desvanecera. Era estranho que por esta altura ela raramente reparasse no sinal de nascença. Além disso, gostava de o ouvir falar sobre alguns assuntos. Sobre caça, por exemplo —

parecia ter um entusiasmo por caça surpreendente numa rapariga. Cavalos, também; mas de cavalos já ele percebia menos. Flory tentava organizar um dia de caça com ela, mais tarde, para ter tempo de preparar tudo. Ambos antecipavam com entusiasmo essa expedição, embora por motivos ligeiramente diferentes.